

## **A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970.**

JEAN RODRIGUES SALES\*

### ***O impacto da revolução cubana***

A vitória da revolução cubana causou grande debate político e intelectual no Brasil. Para alguns autores, o evento pode ser visto como um divisor de águas na história das esquerdas brasileiras. Marco Aurélio Garcia, ao comentar a trajetória do conceito de revolução no país, vê no reflexo da revolução cubana na década de 1960 o marco que delimitaria a passagem de um primeiro momento, marcado pelo impacto da revolução russa, que se estendera até fins dos anos cinquenta, para uma segunda fase, identificada pelo surgimento de novas organizações de esquerda influenciadas, em grande parte, pelos valores e pela teoria da revolução cubana (GARCIA, 1997).

Em meio a um ambiente de impasse econômico e de rearticulação política, a revolução cubana colocaria questões importantes para esquerda comunista brasileira. Ainda segundo Garcia, ela reabriu para a esquerda latino-americana três temas que estavam cristalizados em seu pensamento, tendo recebido até então pouca contestação. O primeiro deles diz respeito à atualidade do socialismo nos países do continente, uma vez que, até os anos 1960, a idéia hegemônica era a de que a revolução seria antiimperialista, antifeudal, nacional e democrática, e na qual a burguesia nacional desempenharia um papel revolucionário. Em segundo lugar, a revolução cubana questionava a idéia que tomara força no comunismo internacional, sobretudo a partir de 1957, sobre as possibilidades da transição pacífica ao socialismo. Por fim, o fato de ter sido dirigida não por um partido comunista, mas sim pelo Movimento 26 de julho, de Fidel Castro, colocava na ordem do dia a discussão sobre o papel da vanguarda revolucionária (GARCIA, 1979).

As questões suscitadas incidiram diretamente no debate sobre a revolução brasileira nos anos 1960, particularmente em sua perspectiva de esquerda. Assim, o processo de luta político-ideológico aberto no interior das esquerdas brasileiras, que vai

---

\* Professor da graduação e mestrado em história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus de Nova Iguaçu.

ser responsável pelo surgimento dos grupos revolucionários no período, está vinculado, “ainda que de maneira nem sempre perceptível, à revolução cubana e seus desdobramentos na América Latina” (GARCIA, 1979; SALES, 2005).

Nesse caminho, tomamos a influência da revolução cubana como um dos elementos que caracterizaram as definições políticas e ideológicas da esquerda brasileira nos anos 1960. Seja pelo apoio e filiação a muitos aspectos do projeto revolucionário cubano (caso da Nova Esquerda), seja pela crítica à aspiração cubana de irradiar seu modelo revolucionário para o continente (como pode se ver nos casos do Partido Comunista Brasileiro - PCB - e do Partido Comunista do Brasil - PC do B), seja ainda pela tentativa de adequar o foquismo<sup>1</sup> à realidade brasileira (como foi o caso de muitas organizações da esquerda revolucionária após o golpe militar de 1964). Em todos os casos, a discussão em torno do significado da revolução cubana aparece como um problema fundamental para a definição de sua identidade política (SALES, 2005).

Ao tomar a influência do modelo revolucionário cubano como um dos elementos definidores do projeto político da esquerda comunista na década de 1960 (seja pela afirmação ou negação dessa influência), partimos do pressuposto de que as referências feitas pelas organizações a este modelo não se tratam de mera retórica. Entendemos que essas referências impregnavam a própria linha política das organizações e, nesse sentido, também a sua prática.

Dessa forma, a questão principal é desvendar como se deu historicamente as relações e a influência da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras, particularmente sobre o seu projeto político. Assim, mesmo considerando os aspectos mais amplos que essa relação possa comportar, a prioridade neste texto é o entendimento de sua incidência no debate ideológico e na elaboração da linha política das organizações comunistas brasileiras.

Nesse sentido, vale adiantar, acreditamos que essa influência aparece de diversas maneiras, menos como tentativa de cópia mecânica do que aconteceu em

---

<sup>1</sup> Para os objetivos deste artigo, amparado nos documentos das organizações comunistas do período, empregamos o termo de forma ampla, como eram utilizados entre as esquerdas nos anos 1960, caracterizando, de uma forma geral, movimentos que, influenciados pela revolução cubana, acreditavam ser possível fazer uma revolução socialista através de guerrilhas e sem a presença de um partido comunista. Ver a esse respeito, primeiramente, a obra do próprio Régis Debray (s/d.) e de Che Guevara (1981). Uma síntese dos textos de destes autores pode ser vista em Barão (2003). Ver ainda Saint-Pierre (2000).

Cuba. Nenhuma das organizações pesquisadas, nem mesmo aquelas que são normalmente apontadas como tipicamente foquistas, jamais admitiram que queriam transplantar para o Brasil a experiência cubana. Entretanto, isso não significa dizer que, em muitos aspectos e de formas variadas, tais organizações não tenham se inspirado no processo revolucionário cubano (SALES, 2005).

Entre as formas que essa influência assumiu, está a de uma inspiração política ampla, servindo para fortalecer bandeiras socialistas e antiburocráticas, sobretudo antes do golpe de 1964. Neste caso, dois exemplos importantes são os da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM-POLOP) e da Ação Popular (AP) que, ao surgirem no início dos anos 1960, se apoderaram dessas bandeiras para elaborar os seus programas políticos e, ao mesmo tempo, criticarem o PCB. Duas outras características da influência de Cuba sobre os comunistas brasileiros são as da interferência no debate ideológico das organizações no encaminhamento de suas estratégias políticas e na tentativa dessas organizações adaptarem as idéias centrais do foquismo à realidade política e geográfica brasileira. Houve ainda uma ligação direta com a revolução cubana que se deu através dos militantes brasileiros que fizeram treinamento guerrilheiro em Cuba.

A atração pelas idéias cubanas, e o foquismo em particular, não se dava ao acaso. Entre outros motivos, deve-se destacar que a teoria do foco guerrilheiro partia do pressuposto de que as condições objetivas estavam prontas para o desencadeamento do processo revolucionário nos países da América Latina e que, portanto, conforme os ensinamentos marxistas, faltariam apenas as condições subjetivas. Estas, por sua vez, poderiam ser criadas pela ação dos guerrilheiros. Além disso, ele subordinava o fator político ao fator militar, fazia uma crítica ácida ao burocratismo e à corrupção que tomara conta de muitos partidos comunistas latino-americanos e propunha que o foco guerrilheiro se responsabilizaria pelo início da luta, surgindo a partir dele o embrião do partido revolucionário (GORENDER, 1998: 89). Essas idéias, particularmente após o golpe de 64, foram ao encontro de muitas das aspirações da esquerda revolucionária brasileira.

Além dos aspectos mencionados acima, há outros elementos que nos ajudam a entender como a revolução pôde irradiar a sua influência para além da esquerda tradicional, ou comunista. Para Emir Sader, ela serviu como “legitimação da

heterodoxia política e ideológica” no continente, na medida em que foi dirigida pelo grupo 26 de Julho, quebrando assim o pretense monopólio dos partidos comunistas na direção dos movimentos revolucionários no continente. Ela articulou ainda em seu processo duas bandeiras em voga no período: “antiimperialismo e anticapitalismo”. Enfim, vale lembrar o uso da guerra de guerrilha, que tanta influência teve na América Latina na década de 1960 (SADER, 1991: 167-171).

Com essa configuração a revolução cubana chegou às esquerdas brasileiras. É certo que a apreciação e as leituras que fariam da revolução em cuba variaram de acordo com as modificações que passavam a política brasileira, os grupos comunistas e a própria política externa cubana. Entretanto, de uma forma geral, havia duas leituras sobre a vitória da revolução cubana. Uma “suave”, comandada pelo PCB e pelos nacionalistas em geral, “ressaltando as rupturas com o imperialismo e com o latifúndio como plataforma nacional, democrática e popular”; outra radical, dos grupos da esquerda revolucionária, que “colocavam ênfase no caráter socialista que assumiu rapidamente o processo revolucionário cubano e a estratégia armada como caminho de resolução da questão do poder na sociedade” (SADER, 1991: 176).

Ainda em relação à influência da revolução cubana sobre as esquerdas brasileiras, é necessário ressaltar que para o movimento estudantil de uma forma geral, e particularmente em suas lideranças, o exemplo cubano mostrava o horizonte da luta armada para aqueles jovens que ingressavam na Nova Esquerda e que não queriam repetir, em sua avaliação, o mesmo erro que o PCB cometera ao não se preparar para uma resposta eficaz ao golpe militar de 1964. Essa questão é importante pelo fato de o movimento estudantil ter sido, na segunda metade da década de 1960, o grande fornecedor de militantes para as organizações da esquerda revolucionária. Disso decorre a necessidade de considerar que a revolução cubana, ao mesmo tempo em que causava discussões no interior das organizações, também influenciava diretamente o setor que mais fornecia militantes para os grupos revolucionários (SALES, 2005).

### ***Uma revolução, diversas interpretações***

Uma primeira conclusão a que chegamos diz respeito ao relacionamento da ortodoxia comunista brasileira com a revolução cubana. Diferente do que se tem visto

na historiografia sobre o PCB e o PC do B, pudemos perceber que a questão cubana esteve presente no debate ideológico dos dois partidos no decorrer dos anos 1960. Dessa forma, não se pode reduzir a dimensão internacional do PCB a seu relacionamento com a URSS, nem a do PC do B a seu alinhamento político à China.

No caso do PCB, a revolução cubana foi imediatamente saudada como a corporificação no continente da teoria apregoada há décadas pelos comunistas. Ou seja, Cuba teria conhecido uma revolução democrático-burguesa que logo teria passado para fase socialista, processo no qual o Partido Comunista Cubano teria desempenhado um papel fundamental. Essa apreciação do significado do processo revolucionário cubano, que com dificuldade tentava esconder os aspectos heterodoxos da revolução cubana, logo foi questionado por setores partidários. Inicialmente de forma sutil, mas logo ganhando grande força, sobretudo com a crise aberta em suas fileiras após o golpe de 1964.

Com a chegada dos militares ao poder em abril de 1964, amplos setores do PCB responsabilizaram a política partidária pela derrota dos movimentos sociais diante dos militares e passaram a buscar novos caminhos de atuação. Nesse momento, o modelo revolucionário cubano foi visto por muitos militantes como um exemplo que poderia servir ao Brasil, principalmente no que concerne à utilização da luta armada contra a ditadura militar. A discussão que tomou conta do partido levou à saída de centenas de militantes que deram origem a muitas das organizações da Esquerda Revolucionária brasileira, as quais tinham em comum uma clara influência do foquismo na elaboração de seus projetos políticos.

O PC do B, por sua vez, que naquele momento era aliado dos chineses, via na revolução cubana um exemplo da falência da política dos partidos comunistas ligados a Moscou. Alegava que os revolucionários cubanos tinham demonstrado definitivamente que a revolução não aconteceria na América Latina sem o uso da violência e que a aliança com a burguesia nacional era absolutamente desnecessária. Apesar disso, após o golpe ele também sofreu cisões que tiveram em sua origem as discussões sobre a luta armada contra a ditadura. A cisão sofrida pelo partido, que deu origem ao Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha (PC do B-AV), buscou no ideário cubano a inspiração para a luta armada, ainda que complementada com elementos do maoísmo.

Como podemos perceber, a revolução cubana esteve no centro do debate que originou a Nova Esquerda brasileira, na medida em que contribuiu para engrossar a crítica ao modelo tradicional de partido comunista, levando a cisões no PCB e no PC do B. Mas a sua importância não se resume a isso. Ao mesmo tempo em que a influência cubana se fazia sentir no interior da esquerda tradicional, ela desempenhava um papel marcante na estruturação de grupos como a AP e ORM-POLOP. No primeiro caso, o exemplo cubano serviu para justificar a proposta heterodoxa de socialismo feita pela AP, que procurava se distanciar do socialismo real, propondo um *socialismo com humanismo*. No caso da ORM-POLOP, a revolução cubana serviu para fortalecer a sua proposta de uma revolução imediatamente socialista, que contrastava com a bandeira da revolução por etapas empunhada pelo PCB e PC do B. Após o golpe, entretanto, principalmente a ORM-POLOP, sofreria cisões que tinham na origem a atração exercida pelo foquismo (SALES, 2005).

### ***O golpe de 1964 e a eclosão da luta armada***

O golpe militar de 1964 representou um momento de inflexão para as esquerdas brasileiras, sobretudo para os comunistas, causando um amplo debate entre as organizações sobre as causas da derrota do movimento popular e, principalmente, o caminho que deveria ser seguido na nova situação política aberta com a chegada dos generais ao poder. Nesse momento, é de se destacar que praticamente todas as organizações comunistas que existiam no período anterior a 1964 sofreram cisões a partir de discussões em torno do tema da definição de uma nova estratégia política.

Assim, o PCB sofreu diversas cisões que deram origem a grupos como a Ação Libertadora Nacional (ALN), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), entre outras. Do PC do B saíram militantes que criaram o Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha (PC do B-AV) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR). A AP teve pelo menos duas divisões importantes, a primeira deu origem ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) e a segunda a Ação Popular Marxista Leninista (AP-ML). Da ORM-POLOP, por sua vez, saíram militantes que criaram o Comando de Libertação Nacional (COLINA), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Partido Operário Comunista (POC).

Nas cisões e na definição do novo caminho de luta diante da instauração da ditadura militar, a temática da revolução cubana ganhou grande força. Pode-se afirmar que todos os grupos que pegaram em armas contra a ditadura militar na segunda metade dos anos 1960 dialogaram com as idéias cubanas. Nesse diálogo, alguns se aproximavam mais das idéias que emergiam de cuba, outros menos, mas todos trataram do tema na definição de sua estratégia política, principalmente no que diz respeito ao caminho armado.

O que mais atraía as organizações da esquerda revolucionária no foquismo era a crença de que seria possível fazer uma revolução socialista através da guerra de guerrilhas sem a presença de um partido comunista tradicional como dirigente. Acreditava-se que esse era o caminho adequado para a América Latina e que as condições objetivas estavam prontas, restando criar as condições subjetivas, tarefa esta que a presença do *foco guerrilheiro* se encarregaria. Uma vez iniciados os combates, as massas acabariam por se aliar aos guerrilheiros, e estes conseguiriam aumentar o seu poder ofensivo até a tomada do poder. Durante o processo revolucionário, a guerrilha seria a vanguarda política, estando todas as outras tarefas a ela subordinadas.

### ***As Ligas Camponesas e o primeiro ensaio de luta armada***

Normalmente quando se fala em influência cubana sobre as esquerdas brasileiras, se pensa imediatamente na luta armada contra o regime militar na segunda metade dos anos 1960 e início dos anos 1970. A predominância dessa temática se justifica pela vinculação patente de muitos grupos da Esquerda Revolucionária com os cubanos. Entretanto, vale lembrar que as idéias cubanas já circulavam e influenciavam as esquerdas brasileiras desde antes do golpe. Além das questões que já tratamos acima, a história das Ligas Camponesas pode ser tomada como um dos melhores exemplos do tipo de relação que setores das esquerdas brasileiras estabeleceram com a revolução cubana antes de 1964.

Inicialmente, as Ligas Camponesas, que surgiram no interior de Pernambuco por volta de 1955, tinham como objetivo principal promover a assistência entre os seus associados e lutar pela promoção de uma reforma agrária no país. A mudança em suas propostas pode ser identificada entre 1961 e 1962, quando muitos de

seus membros fizeram viagens a Cuba. Os dirigentes das Ligas criaram vínculos importantes com Fidel Castro, o que possibilitou ao grupo brasileiro se tornar pioneiro no envio de militantes para fazer treinamento guerrilheiro na ilha de Fidel.

Após fazerem o treinamento guerrilheiro, alguns militantes das Ligas iniciaram a organização, no interior de Goiás, de campos para treinamento no Brasil. Em novembro de 1962, o grupo de Dianópolis viu chegar durante a noite um contingente do exército na fazenda, causando a fuga dos militantes que lá se encontravam. As versões sobre a dissolução dos campos são controversas. Para alguns, as autoridades já sabiam o que se passava na região e estavam a tempo vigiando as atividades do grupo. Para outros, a descoberta não passou de uma coincidência, uma vez que o exército procurava armas contrabandeadas pelos latifundiários de Goiás, chegando por acaso à fazenda onde estavam os militantes.

O caso da aproximação de setores das Ligas Camponesas de idéias oriundas da revolução cubana, e, principalmente, a criação dos campos de treinamento guerrilheiro durante o governo de João Goulart (1961-1964) demonstra que a opção ou a simpatia de uma parte da esquerda brasileira pela luta armada antecede o golpe militar de 1964. Isso coloca em xeque uma interpretação que tem privilegiado a hipótese de que a luta armada no Brasil surgiu exclusivamente como resposta ao golpe de 1964, ou ao fechamento da ditadura com o Ato Institucional número 5. Não se trata de negar a importância do golpe militar como fator de desencadeamento da luta armada nos anos sessenta, mas sim de não obscurecer o debate interno das próprias organizações que surgiram antes de 1964, que não descartavam a utilização da luta armada para a transformação da sociedade brasileira (SALES, 2005).

#### **Referências bibliográficas:**

- BARÃO, Carlos Alberto. A influência da revolução cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, v. I, p. 259-316.
- DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, s/d.

- GARCIA, Marco Aurélio. *As esquerdas no Brasil e o conceito de Revolução: trajetórias*. In: ARAÚJO, Ângela (org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997.
- GARCIA, Marco Aurélio. *Como surge a esquerda armada brasileira*. In: *Em Tempo*, n. 81. São Paulo: 13 a 19/09/1979.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1998.
- SADER, Emir. *Cuba no Brasil: influências da revolução cubana na esquerda brasileira*. REIS FILHO, Daniel Aarão et al. *História do marxismo no Brasil, vol. I*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada. Fundamentos da guerra revolucionária*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005.